

Montadoras: piora a falta de peças.

O setor de autopeças vive sua pior crise desde a edição do Plano Cruzado, que, em seus 11 meses de existência, foi marcado pela irregularidade do fluxo de componentes destinados à indústria automobilística. A produção das montadoras em janeiro está prejudicada em mais de 20%, devido à falta de componentes. O mercado de reposição vive uma situação de desabastecimento, em que o conserto de um automóvel pode demorar até 20 dias (prazo médio de entrega de alguns itens).

No início do Plano Cruzado, o abastecimento também esteve ameaçado, devido à falta de entendimento entre montadoras e fornecedores sobre os índices de deflação que deveriam ser aplicados para a conversão dos preços de cruzeiros para cruzados.

O problema agora, porém, não se prende a preços. O presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipecas), Pedro Eberhardt, relatou que seu setor está com a produção limitada por falta de suprimentos — tanto matérias-primas, quanto alguns componentes. “É praticamente impossível manter o ritmo de produção numa situação como essa. Ora falta um item específico, ora é outro que não nos é entregue”, afirmou Eberhardt.

Na tentativa de administrar a crise, a indústria automobilística reduziu o ritmo de produção. A Volkswagen do Brasil, cuja média diária de produção é de 1.800 unidades, vem operando na faixa de 1.500 veículos. Mesmo assim, tem em seus pátios 3.400 automóveis incompletos.

Em termos globais, a indústria fechou a semana com mais de 13 mil veículos incompletos. A empresa mais penalizada é a General Motors do Brasil, que estoca 4.926 unidades inacabadas. A Fiat Automóveis tem 2.500 veículos incompletos, a Ford, 1.500, a Mercedes Benz, 700 e a Saab-Scania, 150.

Os distribuidores de veículos avaliam que fecharão o primeiro mês do ano no vermelho. Sérgio Antônio Reze, presidente da Associação Brasileira dos Distribuidores Volkswagen, calcula que a rede receberá, este mês, apenas metade da cota de 80 mil veículos. A rede Fiat estima que receberá entre 50 e 60% da cota de nove mil veículos.

Octavio Vallejo, presidente da Associação Brasileira dos Distribuidores Ford, afirmou que a queda de produção da montadora, somada à greve dos caminhoneiros transportadores de veículos, que já dura oito dias, reduziu os estoques da rede a zero.

O presidente da Associação Brasileira dos Distribuidores de Veículos, José Carlos Gomes Carvalho, observou que “o mercado chegou a um ponto crítico de desordenação”. Acrescentou que é um fenômeno que atinge todos os segmentos da produção e comércio e que deverá persistir enquanto o governo não definir os novos rumos da economia.